

ÍNDICE:

Introdução

Identificação do Grupo

Localização

Imemorial e Referências Históricas

Sistema de Ocupação Atual do Território Indígena

Demografia

Movimentos

Aspectos Sócio-Culturais:

1. Grupos domésticos, casamento e parentesco
2. Liderança
3. Restrições alimentares
4. Festas, rituais e brincadeiras
5. Artesanato

Rede de Relações

Aspectos Sócio-Econômicos

Aspectos de Saúde e Educação

Situação Atual

Identificação e Proposta da Área

Bibliografia

Anexos - Memorial Descritivo

- Levantamento Fundiário

- Fotografias

INTRODUÇÃO

01

O presente relatório vem atender à solicitação da Portaria da Funai nº1349/86, para identificação, delimitação e levantamento fundiário das Áreas Indígenas Lurdes, Kapana, Kirema, Inauini, Teuini, Camicuã, Boca do Acre, Apurinã do km 124 e Monte, localizadas nos municípios de Boca do Acre e Pauini/AM.

O grupo de trabalho reuniu-se em Rio Branco, capital do Estado do Acre, nos dias 07, 08, 09 e 10 de outubro de 1986, para planejar, programar e preparar as viagens de campo. No dia 11 de outubro de 1986 a equipe composta pela Téc. Indigenista da ADR-RBR, Maria de Fátima Henrique de Almeida, coordenadora dos trabalhos; o Engº Agrônomo do Incra SR-14 RBR, Ismael Vriato de Souza; o Téc. Agrícola da 5ª SUER-Manaus, Josemar Araújo Andrade; o Téc. Agrícola da SR-Manaus, Argemiro Hernandez Alves; o representante do Iteram-Manaus, Edemilson Rabelo Cordeiro; as Indigenistas da Prelazia do Acre e Purus, Marina Célia Vasconcellos e Eunice Pereira da Silva; e o representante da UNI/AC, Edson Vieira da Silva, saíram de Rio Branco com destino à cidade de Boca do Acre/AM.

Paramos inicialmente na A.I. Boca do Acre, por solicitação do Delegado da Funai, da ADR-RBR, Sr. Antonio Pereira Neto, a fim de concluir o levantamento fundiário da referida área. Os posseiros não permitiram a presença da equipe, fato que motivou uma permanência maior em Boca do Acre, a fim de solucionar a questão. Durante esse período ocorreu a visita à A.I. dos Apurinã do km 124, Camicuã e dos Jamamadi do kirema.

No dia 6 de novembro, após a reunião com o Sr. Luis Eduardo Castelo (IPEA) e Jaime Mancin (FUNAI) foi incorporada à equipe a socióloga da OPAN, Denise Regina Garrafiel.

A partir do dia 10 de novembro viajamos às áreas do Inauini, Santo Antônio, Teuini e Kapana. Porém, no dia 22 de novembro a equipe retorna à cidade de Boca do Acre, uma vez que o

barco alagou. Com isto perdeu-se muito material já coletado, como fotos, fitas gravadas com entrevistas, anotações, gravador, máquina fotográfica, pertences pessoais dos elementos da equipe, gêneros alimentícios, além de alguns utensílios do proprietário do barco. Diante deste fato, fomos obrigados a permanecer quatro dias na cidade, a fim de resolver os problemas com a Capitania dos Portos e conseguir outra embarcação.

Durante os períodos de permanência na cidade de Boca do Acre, aproveitamos para entrar em contato com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Prefeitura Municipal, Cartório e INCRA, com o objetivo de colher informações sobre os índios e iniciar o levantamento documental, cartográfico e fundiário das áreas em estado.

Voltamos para Rio Branco no dia 12 de dezembro.

Os dados contidos neste relatório foram obtidos no trabalho de campo e levantamento documental.

IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO

Os primeiros exploradores e comerciantes que subiram o Purus e Juruá a partir do século XVIII e XIX, deixaram poucas informações sobre a numerosa população indígena que ocupava as margens e afluentes desses rios.

Ehenreich (1891) na sua viagem pelo Purus, em 1888 descreve: "Há 25 anos o Purus era quase desconhecido. Poucos seringueiros tinham-se estabelecido ao longo do curso inferior, um ou outro fizera, quando muito, uma excursão até o meio do curso. No ano de 1862 o governo mandou ao Purus um pequeno vapor, com o botânico Gustavo Wallis, que continuou viagem numa canoa e chegou de baixo de muita dificuldade à embocadura do Pauiny. A ele devemos as primeiras notícias sobre as tribus indígenas desta região..."

Alguns viajantes mais tarde (Rivet, 1921; Tavestin, 1921; ^{*Ehenreich*} Ehenreich, 1888 e Chandless, 1860) referem-se aos Yamamadi, Jamamadi, Hyamamadi, Amamati e Anamati, como sendo um povo que habitava as terras entre o Juruá e Purus. Quer nos parecer que os Jamamadi receberam esta denominação (dsama = mata; madi = gente), como "-índios da floresta", em contraposição aos demais povos que ocupavam as margens dos grandes rios (Juruá/Purus).

Assim com a denominação genérica de Yamamadi ou Jamamadi, passaram a ser conhecidos os vários grupos Deni que ocupavam basicamente as regiões centrais dos rios Xeruã, Cuniuã, Mamoriá, Pauini, Teuini, Inauini, Kapana e seus afluentes.

Para Ejre. (1891 - 1888), "Os Paumarys e os Jamamady são verdadeiras tribos da nação Nu-Amak" e reafirma ainda que "os Nu-Amak avançaram no norte para o interior".

Os Jamamadi pertencem à família linguística Arauá, que inclui as línguas paumari, jamamadi e kulina do tronco Aruak (Rivet-1924; Tastevin-1938; Júlio C. Melatti-1938).

Somente a partir da década de 60 que aparecem

referências mais explícitas sobre os diversos grupos ou clãs Deni , englobados na denominação de Jamamadi.

Para Gordon e Sherwood: "os Deni constituem uma tribo unicamente pelo fato de possuírem uma língua comum", e "os Deni de cada região tem um nome específico através do qual se identificam".

Até hoje não existe uma definição e clareza na conceituação desse grupo. Entre os Jamamadi temos grupos/clãs que assim se autodenominam: Sivakué Deni, Tanu Deni, Zumahi Deni, Anupi Deni, Zoazoa Deni, Sirupi Deni, Apturi Deni, Makui Deni, Tamakuri Deni, Dimá Deni, Tarazurá Deni, Tamakuri Deni, Upanava Deni, Kuniva Deni, Varasa Deni, Hava Deni, Bukurê Deni, Minu Deni.

Os Deni encontram-se atualmente localizados em várias regiões, Xeruã, Médio Purus, Inauini, Teuini, Mamoriá, Cuniuã.

O presente trabalho focaliza os J/D (nomenclatura por nós utilizada) localizados no Médio Purus.

IMEMORIALIDADE E REFERÊNCIA HISTÓRICAS

Por volta de 1640 a expansão no Amazonas, foi efetuada à busca de especiarias, sobretudo dos vegetais que a Europa utilizava na fabricação de remédios e condimentos. As coletas de drogas do sertão prosseguiram pelos séculos XVIII e meados do século XIX pelo baixo rio Amazonas e avançava pelo Solimões alcançando seus principais afluentes (Miranda Neto 1979).

A partir de 1850 o panorama sócio/econômico da região Amazônica veio alterar-se com a criação da província do Amazonas e a introdução da navegação a vapor. Neste momento a frente de expansão à procura da borracha vai dar origem a um tipo de contato com as populações nativas diferente daquelas anteriores, quando a coleta de drogas percorria os rios. A ocupação branca dos rios Pu -

rus e Juruá começou a se intensificar a partir de 1880, com a chegada dos primeiros nordestinos (Miranda Neto - 1979 e Darcy Ribeiro - 1977).

Quando as frentes extrativistas, principalmente da seringa, penetraram no rio Purus e regiões limítrofes, não dispensava aos índios nenhum tratamento especial, utilizando-se tanto da mão-de-obra indígena, como do domínio de seus territórios (Ehrenreich - 1888).

Ainda nesta época poucas, senão raras, são as informações sobre o povo Jamamadi, uma vez que tal grupo residia mais no interior da floresta e raramente saíam à margem do Purus.

Castelnau (1851) não passou das proximidades da foz do Pauini, ainda distantes mais de cem milhas da Boca do Aquiri (hoje rio Acre). Contudo, refere-se às nações que viviam acima desse rio; eram hostis e se denominavam Jamamadis, Tabocas e Ayapus.

Contudo, constou-lhe que as nações que viviam acima desse rio eram hostis e se denominavam Jamamadis, Tabocas e Ayap...

Brandão Castelo Branco no Gentio Acreano da notícias dos Apurinã e Jamamadi: "...Pelo Rio Purus, em terras fronteiras à zona acreana, havia entre outras, malocas de Ipurinás no Seringal Amparo, à margem direita e uma de Jamamadis, na esquerda que até 1884, ainda se movimentaria..."

Em 1862, o engenheiro João Martins da Silva Coutinho no relatório de exploração do Rio Purus, apresenta mais notícias dos Jamamadi.

"Margem esquerda:

Rio Hynauing (hoje Rio Inauini) extenso, água preta. Na foz estão duas malocas de Hypurinás e para o interior muitas outras de Hyamamadys.

Margem direita:

Rio Aquiry (hoje no Acre)... muitas tribus habi-
tão em suas proximidades, porém, que quasi desconhecidas... Urbano es
teve c/ alguns índios,... Os índios ^{usam} de machados de ^dpe^{ra} e ^dbar
^bados e derão a entender a Urbano, que ião comprá-los a outras tri-
bus, que vivem muito adiante nos campos da margem esquerda..."

As primeiras informações davam conta desses índios da floresta situando-se entre o Purus e Juruá, num território limitado pelo Mamoriá-Mirim, alfuente do rio Purus, pelo Pauini e pelo rio Xeruã (afluente do Juruá). Inclusive no Mamoriá-Mirim, em 1887; é fundada uma missão da Imaculada Conceição que fazia catequese com os índios Jamamadi. Várias foram as viagens ao interior do rio para atrair os Jamamadi à missão que ficava a três horas de navegação da boca do Mamoriá-Mirim (Kroemer, 1985).

Ehrenreich em 1891, em visita a um grupo Jamamadi na região do rio Mamoriá, faz o primeiro registro etnográfico, de que se tem conhecimento, a respeito desse povo. Diz ele:

"... os Jamamadis na margem ocidental entre os 7 e 9 graus lat. mer., estes sim são verdadeiros homens do mato, sem navegação, entretanto bons lavradores, que evitam o contato com os brancos e raras vezes deixam suas florestas onde vivem abrigados contra a praga de insetos"...

O mesmo Ehrenreich ainda descreve: "Para atrair estes filhos das selvas ao gremio da civilização é, porém, indispensável um tratamento recto e desinteressado; por enquanto reina, em pleno rigor, o sistema de desbragada exploração; procura-se adquirir do índio os seus valiosos productos em troca de bugigangas sem valor. Do resto encarrega-se el rei-alcool..."

Registra também vários aspectos físicos; sobre indumentária e adornos; caráter e regime de vida; utensílios; armas, notas sobre costumes e tradições.

Em 1901, Steere realizou estudos etnográficos em algumas aldeias na região do rio Mamoriá: "os Jamamadi são uma pe-
quena tribo de índios da floresta, situada aparentemente nas vizi-

nhanças do Mamoriá-Mirim, um pequeno afluente do sudoeste do Purus' na latitude aproximada de oito graus sul e na longitude de 67º oeste de Greenwich. Um estudo mais aprofundado dos índios desta região, talvez venha mostrar serem eles um grupo insulado de uma tribo mais extensa. Em 1873 os primeiros seringueiros do Purus superior começaram a ter contato com eles, reduzidos, naquela data, a duas pequenas aldeias, uma no Mamoriá superior e outra perto de sua foz, somando perto de cem pessoas". Já neste instante podemos adivinhar a catástrofe que acometeu os povos Jamamadi, pelo que lemos, ainda em Steere: "A aldeia visitada tinha sido recentemente destruída quase que por completo pela peste de modo que apenas se pode fazer uma leve idéia de sua condição normal..."

W. Chandless em 1868 referiu-se aos Jamamadi, ao seu habitat no Rio Sapatini até o Hyacu, estendendo-se a tribo cerca de 300 milhas ao longo do Purus, do lado esquerdo, sendo exclusivamente da terra, vivendo nos igarapés.

No ano de 1912, quando o Sr. Bento M.F. de Lemos' à serviço do SPI, faz uma Inspeção pelo rio Inauini, com o objetivo de localizar os "trabalhadores nacionais no Amazonas" e instalar uma Vila para ser o centro de atração da população indígena, calculada em quatrocentos e mais uns mil espalhados. Ao discorrer sobre esses indígenas, o Sr. Bento Martins afirma:

"Com 2 dias de viagem dei com o rio S. Francisco, afluente da margem direita do Inauhiny, ... internando-se novamente na mata. Com outros 2 dias de viagem chegamos à malocas Tanõ, onde dormimos. Poucos índios encontramos nesta maloca... Andaram todos p/ o Purus. Continuando na manhã seguinte a nossa excursão, fomos chegar a maloca Cuniã cerca de 3h. da tarde do mesmo dia. Aí encontramos maior quantidade de índios (27). Mas este nº está muito abaixo da realidade... a maioria andava também pelo Purus. Era meu intuito ir até a maloca do tuchaua João, a mais numerosa das que ficaram situadas na zona compreendida entre o S. Francisco e o Purus. Na

volta fomos dar com o S. Francisco muito acima da sua foz."

Continuando ele completa as informações: "no Inauhiny, os Jamamadi dividem-se em diversos grupos ou tribos, sob as denominações: Macuhidenin, Ivédenin, Sivacudenin (habitantes das terras centrais da margem esquerda do Inauhiny, desde a foz até o Inurian); Demadenin. Tamacudenin e Zavazuvadenin (habitantes das terras centrais da margem direita do mesmo rio, desde a foz até o São Francisco), e os Erequédenin, desde este afluente até o Aramá, ou seja o próprio Inauhiny, que perde este nome para receber aquele, da foz do Inurian para cima".

O Sr. Bento Martins faz referência à uma firma peruana que acabava de arrendar os seringais do Inauhiny e de um dos sócios, o Sr. Alfredo Martins Pereira, que espalhava terror pela região, principalmente contra os índios; e a um homem preto de nome João Batista. Estes chegaram ao ponto de ameaçar o Sr. Bento para não subir o rio.

Na entrevista com o Sr. Raimundo Alves Barroso, (76 anos) feita em 1986 pela equipe do CIMI/AM. Ocidental, há uma descrição dos índios que moravam nestes igarapés, dos varadouros que ligavam o Pauini, Teuini e Inauini, e como os patrões os exploravam. Na sua fala ele confirma as informações do Sr. Bento Martins, referindo-se ao João Batista - um preto que chegou no Inauini por volta de 1882 e explorou a região do Inauini, assim como da empresa peruana que arrendou em 1910 o Inauini, trazendo muitos caucheiros peruanos.

"-Em 1882 João Batista chegou.

- Em 1882?

- Sim, em fui vizinho dele 22 anos. Ele me contava desse Inauini, dos índios.

- Todos Jamamadi?

- Sim, tudo Jamamadi... tem uma porção de qualidade de Jamamadi..."

"- Dampio, um peruano rico, veio do Peru e arren-
dou o ^{caucho}cauxo do Inauini todinho isso em 1910. Esse peruano veio com'
um lanchão, com muito peruano e arrendou o cauxo^{do} do S. Francisco e
afluentes do S. Domingos e Santo Antônio, Kanamari, Arama e todo
igarapé botou um patrão para trabalhar e uma turma de peruano".

Nesta entrevista o Sr. Raimundo descre^{ve}-me o local
das Malocas do S. Francisco.

"- Seu Barroso me conte um pouco da história do
S. Francisco, o Sr. morou lá que ano mesmo? O Sr. nasceu lá em quan-
do?

- Eu nasci em 24 de maio de 1912.

- Seu pai já morava lá?

- Sim já morava. Sei que ele veio fazer barracão
na boca do Kurupati, bem na beira do S. Francisco: aí que ele traba-
lhou com esses índios.

- E tinha muito?

- Tinha.

- Muita Maloca?

- Não, só tinha uma maloca. A maloca do índio redon-
da, como um guarda sal emborcado no chão. Eu andei numa maloca dos
Jamamadi no Alto Purus que tinha um tuxaua de nome Terneu que tinha
70 homens em cada kupixaua.

- Aonde e em que colocação?

- No são Miguel ... A Sra. me acredita foi o kupi-
xaua mais bonito que já vi."

Continua na descis^{ão}ão da construção do kupixaua.

Eles pegavam ^{astes}astes de envireira, iam envergando
envergando, punha uns tornão e rista no chão, assim como um marcinei-
ro vai levantar uma casa, eles desenham aquilo bem redondinho, e ris-
ca pau acalá, e depois vão enfiando aqueles tornão, e amar^{ando}ando com ci-
pó títica, e vão amar^{ando}ando a madeira ele encaixa outro e vai envergan-
do e amrando - este Kupixana do Tuxana Tunéu tinha umas cinco aste

de envirerra de pé a ponta (a árvore com todo seu comprimento) - to da amaradilha naqueles tocão...Ai' põe um poste no meio, aí eles descem os caibros em direção às hastes (de cima para baixo), as pontas' dos caibros vão até o chão, ai acaba tudinho e cobre desde o chão e fica só a portinha, a lá palha que eles põe é alta do chão, para ' que qualquer coisa eles passa por baixo. Aquilo tão bem feitinho, as palhas envergadinha, e quando chega no fim vai ajuntando assim como o fundo de uma sexta lá em cima, ai eles bota um capote em cima da ponta daquele pilar aqueles poste feito jacá, assim com um meio metro eu vi muitos Kupixana bem feito bonito, o Kupixana do tuxana tu néu era um monstro.

- Que ano o Sr. morou no alto Purus?

- Eu morei no alto Purus em 1924.

Este sim foi morador do S.Francisco, S.Miguel e andou pelo varadouro que ia do Rio Purus, cortando o Kapana até o Kurupati, na foz. Confirmando a memória do próprio grupo dizia haver muitas malocas próximo ao varadouro e a utilização do Igarapé Kapana. "O maradouro atravessa o Kapana, do Purus pru Kurupati este igarapé onde eu nasci.

O S.Miguel do Purus, barracão do S.Miguel fica na beira do Purus, agora o seringal é central, agora com 3 hs. de viagem tá ai o Kapana. Atravessa uma terra que talvez não dê 1 h. e esta aí um afluente grande o Jacaré, afluente do Kapana, aí tudo é terra habitada por índio, nesse tempo que eu andava lá tinha 6 Kupixana de índio, não tudo na beira do maradouro, na beira do maradouro alias não tinha nenhum."

"E quando papai foi para o S.Francisco trabalhava um Português lá por nome Alexandre que era o gerente geral do S. Francisco que ficava no Novo Encontro. Nesse tempo os índios do Novo Encontro já passeava lá pru Kapana, tinha comunicação."

O rápido avanço das atividades extrativistas de borracha e caucho e castanha nesta região, levou a eliminação de

grande parte da população nativa.

Vários são os depoimentos de índios e brancos idosos que dão conta dos massacres e correrias promovidos por patrões' no sentido de acabar com os Jamamadi desta área, uma vez que os mesmos resistiam ao trabalho escravo, que lhes era imposto. Além das matanças promovidas pelos brancos, correram várias epidemias que diminuíram sensivelmente este povo numeroso.

São vivas as lembranças de Nascimento (Zaú) da vida tribal lá no Kapana: "Nós fazia festa, festa nossa mesmo... Nós contava o tempo pelo sol, tudo no céu. Nem semana, nem mês, não contou não. Sabia que tinha passado mês quando é lua Nova começa a contar de novo e vai e vai... Tinha varadouro do S. Francisco até o S. Miguel. Quando fazia festa convidava o outro, homem, mulher, comendo carne moqueada, beiju, banana, bebendo caiçuma. Agora tudo espalhado. Primeiro era um canto só. Pessoal do laranjal convidava' o pessoal do S. Miguel e Kapana."

Depois, Nascimento diz: "no laranjal, nós fazia esse pote de barro. Fazia farinha branca, preta, tudo... O pessoal' do Kapana, entre eles só conversa na língua.

A seguir, discorremos sobre a história desse povo no momento da invasão de seus territórios, através de depoimentos de testemunhas, ainda vivas, em geral seringueiros e seringalistas que tem mais de cinquenta anos de idade.

França Vale, filho de Joaquim do Vale (comerciante de Boca do Acre), fez o seguinte comentário: "Caboclo existia' só no São Miguel, nos fundos, da colocação Natal para cima. Quando apareceu João Celestino, abriu uma linha subindo pelo Kapana. Enquanto isso, os índios já estavam descendo. Isso foi mais ou menos' em 1940. A seguir, Nivaldo Sales de Amorim teria comprado de João Celestino, recorrendo ao BASA, em Belém, quando adquiriu um financiamento, o qual não pagou, ficando a seguir o título do seringal' com o Banco. " Em 1948 surge um novo personagem: "o Góis era o

mandão naquela época, esteve lá por Belém, ofereceram para ele, 'aí ele comprou. O Góis comprou e entregou a um seringueiro (arrendatário), Euclides Dantas que começou a trabalhar com os caboclos' de novo. Em 1950, este não quis mais... entregou de volta para o Góis e este entregou pro papai, Joaquim do Vale Melo". Daí, concluiu, "produzimos durante 18 anos, uma renda média de cem hectolitros de castanha e quinhentos quilos de borracha."

"Em 1970, continuou, começou aquele negócio de vendas de terras, veio um cara de Rio Branco comprar o Kapana, a mando do Nivaldo, fizeram um pique, entrando pelo Bananal, um picadão entre o Kapana e o Purus até o Natal, de lá dobraram, atravessaram o Kasipari, o Api, até que rodou e fechou com o São José, 'abaixo do barracãozinho onde tem um igarapé."

Na realidade, João Vicente Celestino teria comprado, em 1905, os seringais do Kapana, através de Escritura Pública, de um Francisco Pereira Lima, que não possuía nenhum registro, tampouco dados sobre os limites de área. A partir de João Vicente a área passa a constar em cartório como 2.500 hectares, que a seguir é passada para a firma Amorim & Gonçalves que depois vende para Cuba e Companhia, que por fim vende para Nivaldo Sales do Amorim, já acrescida agora de mais hum mil hectares. Sendo de 1971 o último registro de compra e venda que existe em cartório.

Nesse ínterim, segundo França Vale, os índios 'teriam ateado fogo a um barracão, numa demonstração clara de que ofereceram certa resistência à invasão de seus territórios, não podendo ter sido maior devido as epidemias que praticamente minaram sua resistência. E é o próprio França Vale que comenta sobre isso.

"Eles (os índios) atingiam o Kapana, o Kasipari, o Mina e o Api, eles moravam tudo entrincheirado por lá. Quem trabalhou com eles era o Guimar e o Guimarães (aquele arrendatário do seringal São Miguel, que teria convivido com os Jamamadis, tendo se tornado inclusive pajé, sendo hoje o "prático" em medicina '

eles fizeram uma coivara e comeram o homem assado, depois penduraram a cabeça numa vara, na picada..."

Continuando seu depoimento, o seringueiro Raimundo Ribeiro traz mais informações: Eu vi eles nusinho, homem, mulher, criança... a língua deles ninguém conhecia, fazia só aceno. As crianças eram bravas que era uma coisa, mordiam a gente todo..." Por que mordiam? "Depois que amansaram, já trabalhavam com cariu aí viram o jeito de cariu e começaram a comprar querosene, café, açúcar. Mas aqueles do Aripunã ainda não usam..."

"Derradeiro tuxaua agora se chama Vicente. Outro era o Manoel Rodrigues, o Néo, o Antônio, todos eram tuxaua de maloca... depois eles pegaram um sarampo e foram embora..."

"Uns tempos, quase dez anos, apareceu três homens, soldados, atrás dessa tribo. Posso buscar o João Primo ele foi mostrar. Na cabeceira desse Igarapé Macapá, lá que eles moravam na antiguidade onde está o cemitério. Eles faziam camburões grandes, faziam taipa e lá iam enterrando. Detrás da colocação Natal, nessa terra mesmo entre o Kapana e o Purus. Há três ou quatro anos, uma mulher bem morena com três homens foram lá e tiraram os potes. Eles eram tudo sadio, mas quando começaram a andar pelas margens, se misturar com cariu nas lanchas, aí começaram a adoecer..."

"Depois que foram trabalhar com seringa acabou maloca. Agora faz casa como nós, cerca, faz quarto, faz canoa. Mas aquilo é pior que capivara, atravessa nadando os igarapé... precisa de canos não..."

"O filho do Curunil trazia mensalidade desse Coronel Rondon, pro velho Curunil, aí ele entregava pros caboclos... Todos esses eles é desse jeito. Pode ser a casa boa como for, mas eles deixa de dormir na casa pra ir dormir na mata... o caboclo faz aquele tapiri, mora uma semana, quando a lua passa pra cima ou pra baixo ele vai se embora... Mas o lugar certo

deles é a maloca, e dali vão pros tapiris... Não foi fácil., não, foram muitos anos (?) Quem morava na margem direita não mariscava na esquerda porque eles flechavam...

"D. Maria Luísa, viúva, mora em Manaus, derradeira que comprou do banco (o São Miguel), pois ela mandou o filho dela como gerente, o homem trabalhou o verão, trouxe muita mercadoria, um dia ele veio pro São Domingo, quando voltou lá, o fogo tava cobrindo tudo. Ele foi embora... o outro barracão queimado foi o Bananal, queimou tudo, dáva triteza ver, até máquinas de escrever motor. Acabou tudo, o terceiro barracão que eles queimaram foi aqui no Rio Branco...

Outros moradores de seringais do Purus atestam a imemorialidade desse território indígena. Como se vê pelos depoimentos a seguir:

"Adiante do Kapana, no Casinari eu conheci um pouquinho, antigamente se chamava arraial. No tempo que eu conheci não tinha mais maloca. Nessa época que eu conheci eles não faziam era nada, só faziam caçar e comer. Às vezes eles pareciam lá onde a gente trabalhava. Falavam ruim mas a gente entendia o que eles falavam. Fazia troca de caça por sal e açúcar..." (Eudócio Cavalcante de Fontes, amazonense, 62 anos, residente no Seringal Bom Jesus).

O seringueiro Nilo Gonçalves de Lima, amazonense, 65 anos disse que morou com um bocadão de índios. Disse também ter conhecido os caboclos que moravam no "Bela Vista e na Favela, (duas colocações). "Tinha o Luis Gonzaga, o Zé Pequeno, Antônio Grosso, Manoel Rodrigues era o Tuxaua, Cabeçudo (os velhos). Tinha o Idé, Damião, tinha um horror de Zé, Paixão, dos mais derradeiros, de lá prá cá, João Sobrinho, João Pessoa, tinha o Carro, chamavam ele de Mapu. Eles já andavam vestido, não faz muito tempo tive de ver duas ou três vezes que eles andavam nus, depois começaram a comprar fazenda. Eles tapavam a frente com folhas e

andavam tudo por aí."

"Em 1951, quando casei eles gostavam muito de nós, eles / saíam. Isso aqui era tudo varadouro deles. Eles vinham buscar la - ranja. Aquilo ali não tem mato prá eles não, por todo canto eles / furam, é eles e queixada.." (Maria Floripes Fontes, 53 anos)

Albertina Oliveira de Queiróz, 49 anos, mora no São Mi - guel há 32 anos: "Caboclo morou por esse mundo todo. Caboclo não tinha paradeiro. Ele morava um dia aqui, outro ali. Acho que da Bô ca do Iaco até Bôca do Acre, eles moravam em todo canto. Quando mor ria um, eles tinham medo e arribavam por outro canto ...enterravam o morto, deixavam comida pra ele com medo dele sair atrás deles.." Continuando seu depoimento, D.Albertina disse que "quando dava sa - rampo morria caboclo que era uma coisa medonha... se a FUNAI tomar de conta, toma conta do rio todo, porque eles moravam por todo can - to. Quando conheci eles, eles já andavam com roupa. Lá na maloca é que eles usavam só o berizinho (um cinto e umas folhas cobrindo)."

No relatório Geral das Aldeias do Sul do Estado do Amazo - nas de 1964 há o registro da população Jamamadi do Ig. São Francis - co, estimada em 70 pessoas; dos povoados mais próximos, ou seja, / Novo Laranjal e São Miguel, no Rio Purus, a 6 horas do centro, esti - mados em torno de 51 pessoas, além de outros parentes mais longe; do Ig. São José ou Kapana a 2 dias do S. José, em direção ao centro com uma população de 54 pessoas em 15 casas.

No Ig. Kapana as aldeias de São Miguel e Laranjal sofrem uma grande epidemia que reduziu sua população para menos da metade em 1946, segundo narra o Sr. Almino Ermenegildo dos Santos (52 a - nos), que nasceu no Seringal S.Miguel. "Cada maloca tinha umas 60 a 80 pessoas. A força dos índios morreu nessa época, eu tinha 14 anos. Adoença deles foi negócio de sarampo. Aí foi morrendo e quan - do deu fé tava acabando era com tudo.. Eu era pequeno, aí eu passa - va de nós mais eles.. Tinha muita fartura nesse tempo... Dancei "

muito mais eles. A derradeira festa que fizeram foi lá no Macapá, foi, faz uns 10 anos, foi antes deles baixá (do Kapana)."

Pe. Paulino em entrevista à equipe do Cimi em janeiro/86: "A gente pode continuar um pouquinho sobre o grupo que encontrei no Laranjal (em 1964) do que eu percebi, eles se achavam em boa parte com tuberculose... uns poucos meses depois eu soube, morreram vários, outros debandaram."

"Depois abaixo do Laranjal, foi em S. Miguel. Vieram todos para desobriga incentivados por um certo Guimar, filho do negro Guimar, um branco... Não me lembro se ele era o dono do seringal, ou se ele era só arrendatário. O fato é que ele tinha um filho e o filho vivia muito dentro (no centro) no meio dos índios no Ig. S. Francisco".

"Na boca do Ig. Kapana, encontrei só uma família, não foi possível vir a turma do Kapana, que naquele tempo era o Joaquim do Vale o dono do Kapana... O Joaquim me falou muito da vida deles, que eles lá eram muitos, eram mais de 100. Tinha a maloca deles quase redonda, no meio tinha um grande pátio que limpavam, que era uma maravilha..."

A intensa mobilização dos ocupantes brancos, conforme aparece nos relatos, além das epidemias, são fatores que motivaram a dispersão e abandono da área pela grande maioria dos sobreviventes dos Jamamadi.

LOCALIZAÇÃO:

Os Jamamadi sobreviventes do Ig. S. Francisco, seus afluentes, Ig. Kapana, seus afluentes, encontram-se espalhados no: Ig. Kirema (afluente do Ig. Preto, margem direita do Rio Purus); no Seringal Lourdes (no Rio Purus, a 3 horas de canoa com motor subindo de Boca do Acre); no Seringal Maracajú (também no Rio Purus, a um dia de motor subindo de Boca do Acre); no Remanso

logo acima, na margem direita do Purus) e no Ig. Kapana (afluente do Rio Purus).

A cidade de Boca do Acre é o ponto de passagem destes grupos tanto para comercialização quanto para atendimento de saúde.

Com relação a área proposta, no Ig. Kapana, o acesso só ocorre por meio fluvial, através deste Igarapé, afluente da margem esquerda do Rio Purus, sendo que no verão o tráfego pelo mesmo é difícil, entrando apenas embarcações de pequeno porte. Além desta via, através do Seringal S. Miguel, ainda existe o varadouro, ligando a área à margem do Rio Purus.

SISTEMA DE OCUPAÇÃO ATUAL DO TERRITÓRIO INDÍGENA:

No passado, foram frequentes os movimentos dos Jamamadi dentro do seu território. Isto acontecia por meio de varadouros que até hoje são utilizados e através dos rios com suas canoas de casca.

Estes movimentos se deram por vários motivos: devido a doenças ou muitas mortes, levando-os para outros lugares sem "feitiços"; por ocasião de visitas aos parentes; em decorrência de festas e rituais, segundo seus costumes; para coletas de produtos como pupunha, castanha, etc; ou ainda por pressão dos brancos.

Em decorrência do processo de ocupação pelos brancos e exploração da mão de obra indígena, hoje temos uma dispersão do grupo, apesar da forte ligação que os une, manifestada pelas visitas.

Achamos de vital importância descrever a situação atual destes grupos locais que se encontram ^{tambem} fora da área proposta, inclusive para se entender a formulação da mesma.

Pela ordem, vamos encontrar no Ig. Kapana, remanescentes do Clã Tanu Deni, perto de quinze pessoas. Desdendo o Pu -

rus, na margem esquerda, encontram-se dez pessoas, do Clã Zoazoa Deni, no Seringal Maracajú, remanescentes do Ig. São Francisco. Conforme informação do Incra este seringal está sub-judice. Já próximo a cidade de Boca do Acre estão aldeados no Seringal Lourdes perto de vinte e cinco índios, dos grupos/Clãs Tanu Deni e Anupi Deni, remanescentes do S. Miguel e Kapana.

O proprietário deste seringal, Sr. Constantino Matos Teixeira (Tinô) possui título definitivo desde 1982, utilizando a mão de obra indígena sob forma de prestação de serviço desde 1983 quando foram para este local.

Sabe-se também que existe uma família, cujos membros adultos, em número de cinco, trabalham diretamente como seringueiros num Seringal da margem direita do Purus de nome Remanso. No momento de nossa passagens por este local todos estavam doentes e na cidade.

À doze quilômetros do Piquiá (Boca do Acre), numa vicinal que é conhecida como ramal do Cruzeirinho, existe um varadouro que vai dá na aldeia da Terra Alta, a margem do Ig. Kirema, onde vivem 10 famílias, entre adultos e crianças, do grupo/Clã Tanu Deni, remanescente do Kapana. Também por informação do Incra esta terra daria no máximo três lotes, sendo que atualmente está sub-judice e rodeada de fazendas.

Em loteamento próximo, na gleba Monte estão as famílias lideradas por Nascimento, na Aldeia Bom Lugar ou Goiaba, que fazem divisa com uma fazenda. Eles ocupam dois lotes e tem em mãos a Licença de Ocupação do Incra, porém moram no local oito famílias, dos grupos/Clãs Zoazoa Deni, Zumah Deni e Tanu Deni, num total de 41 pessoas remanescentes do Kapana e S. Francisco. Há pouco tempo duas famílias deste grupo ocuparam dois lotes a mais ou menos duas horas de distância da aldeia.

DEMOGRAFIA:

A população dos Jamamadi / Deni se distribui em
pequenos grupos locais:

<u>Nº</u>	<u>RIO</u>	<u>ALDEIA</u>	<u>FAMÍLIA</u>	<u>POPULAÇÃO</u>		<u>TOTAL</u>
				F.	M.	
1	I.Kirema	Terra Alta	10	26	19	45
2	I.Kirema	Bom Lugar	08	15	26	41
3	Rio Pur.	Lourdes	06	12	13	25
4	Rio Pur.	Maracajú	02	03	08	11
5	I.Kapana	Pirapora	03	09	04	13
6	R.Purus	Remanso	03	?	?	?

T O T A L : Aproximado 135

OBS.: No Remanso o Grupo não estava no local, por isso não foi possível fazer o levantamento.

Desta população três indivíduos são regionais, casados com Jamamadi.

Os índios não sabiam informar a idade com exatidão e em alguns casos as idades foram por nós atribuídas.

O quadro da faixa etária abaixo sugere um número elevado de crianças e jovens, além de um número expressivo de adultos

<u>FAIXA ETÁRIA</u>	<u>MASCULINO</u>	<u>FEMININO</u>	<u>TOTAL</u>
0 - 1	05	03	08
2 - 5	12	06	18
6 - 10	14	05	19
11 - 15	13	10	23
16 - 20	06	14	20
21 - 30	04	11	15

<u>FAIXA ETÁRIA</u>	<u>MASCULINO</u>	<u>FEMININO</u>	<u>TOTAL</u>
31 - 40	06	07	13
41 - 50	05	05	10
51 - 60	03	01	04
61 - 70	01	01	02
71 - 80	01	02	03
TOTAL	70	65	135

Para montarmos a composição genealógica utilizaremos como modelo a Aldeia da Terra Alta no Kirema.

Convenção:

Δ : Homem ⚭ : Descendência
○ : Mulher / : Falecido
= : Casamento

TERRA ALTA:

<u>Casa I</u>	<u>Sexo</u>	<u>Idade</u>
1. Mazawa	M	46
2. Namá	F	36
3. Mary	M	22
4. Veki	F	19
5. Awi	M	15
6. Arabô	F	12
7. Amori	M	04
8. Sepé	M	02
9. Mitô	F	06

<u>Casa II</u>	<u>Sexo</u>	<u>Idade</u>
10. Maru	M	22
11. Zanikoá	F	21
12. Mazoá	M	04
13. Kassi	F	02
14. Namá	F	01
 <u>Casa III</u>		
15. Wawari	M	23
16. Veni	F	19
 <u>Casa IV</u>		
17. Idé	M	48
18. Kamaruni	F	43
19. Otávio	M	22
20. Marina	F	20
21. Terezinha	F	19
22. Mariazinha	F	15
23. Evandro	M	17
24. Roife	M	13
25. Fabiano	M	10
26. Goreti	F	07
27. Cleunice	F	04
 <u>Casa V</u>		
28. Kewessé	M	42
29. Wessé	F	35
30. Graça	F	18
31. Nair	F	16
32. Regiane	F	01

26 2164/11

Casa VI

	<u>Sexo</u>	<u>Idade</u>
33. Zupi	M	40
34. Bakuni	F	45
35. Masse	F	17
36. Buriwi	M	12

Casa VII

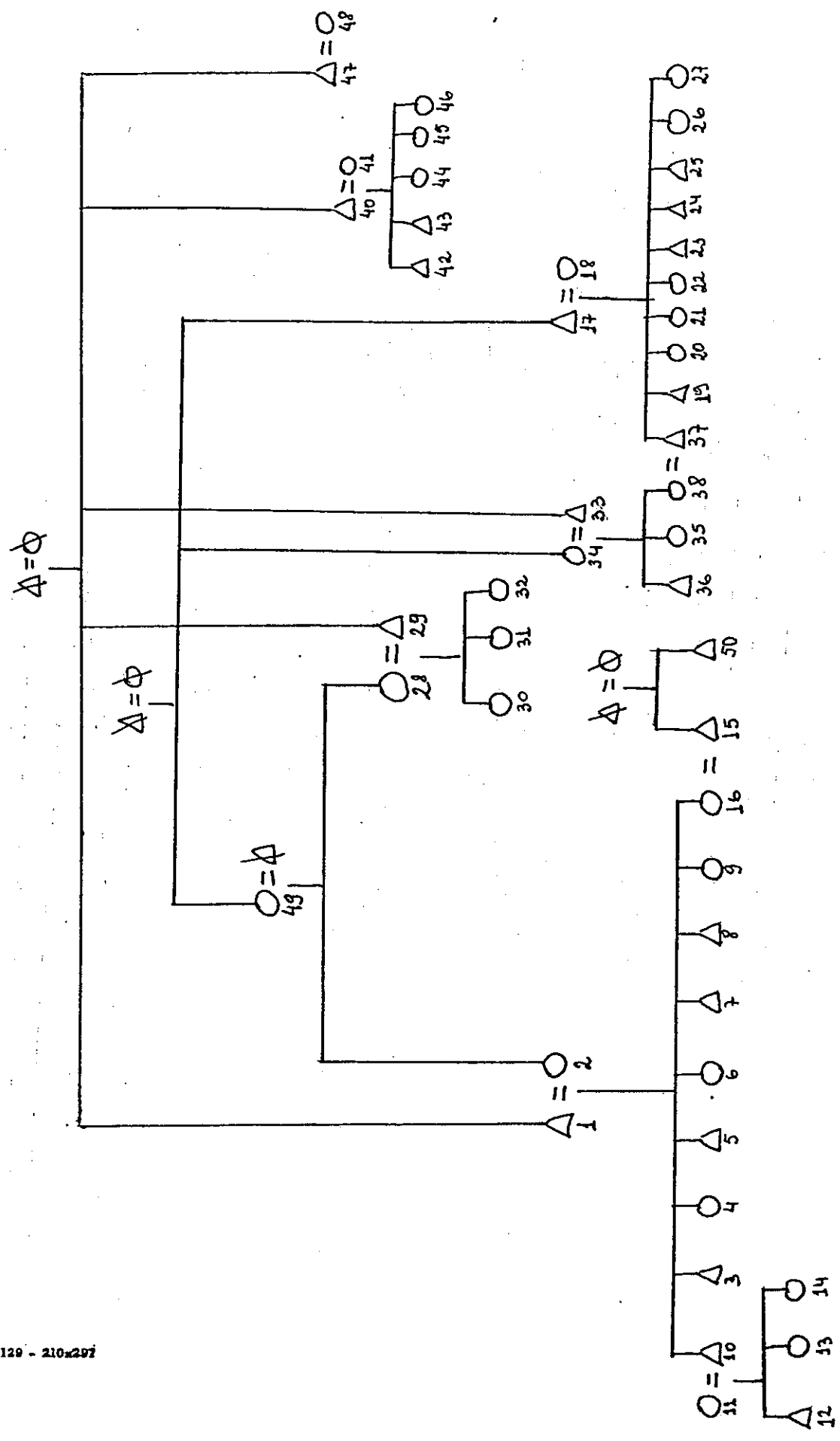
37. Otávio	M	22
38. Márcia	F	17
39. ?	F	Recem-nascido

Casa VIII

40. Babá	M	35
41. Kuzé	F	29
42. Jaime	M	12
43. Sebastião ,	M	10
44. Lúcia	F	02
45. Arabô	F	78
46. Maria	F	24

Casa IX

47. Hauno	M	26
48. Sebastiana	F	16
49. Weni	F	65
50. Jurandi	M	22



O Grupo/Clã Jamamadi originário do Ig. São Francisco era o Zoazoa Deni; os da cabeceira do Ig. Kapama eram os Zumahi Deni, enquanto os do médio Kapana eram Tanu Deni e por fim aqueles que moravam entre o Kapana, São Francisco e Rio Purus eram os Anupi Deni.

Atualmente há uma miscigenação entre estes Grupos/Clãs. Salientamos porém, que existe uma resistência no relacionamento entre os do Ig. Kapana com do Ig. São Francisco e vice-versa.

MOVIMENTOS:

Entre o povo Jamamadi Deni existem deslocamentos característicos de moradia, movidos por fatores culturais e externos.

Estes movimentos dentro de seu território se davam por meio de varadouros e/ou rios. Isto devido a doenças, visitas, festas ou ainda para coleta de produtos extraídos da floresta.

Em decorrência do processo de ocupação da terra indígena pelos brancos e exploração da mão de obra, conforme já mencionamos neste relatório, os Jamamadi sofreram uma série de epidemias e conseqüente abandono de sua área.

Tradicionalmente seus roçados são feitos na circunvizinhanças da aldeia, que vão se distanciando a medida da rotação das terras e quando sentem a exaustão do solo ou em função das pragas. Bem mais distante das aldeias estavam as áreas de coleta. Durante o período que permanecem nestes locais, que variam de um a três meses, eram construídas habitações provisórias. Já a área de caça e pesca estendia-se até as cabeceiras dos igarapés e locais mais isolados da mata.

A medida que ^{se} esgotava ^{se} os solos cultivados, as fontes de coleta, caça e pesca, havia uma mudança das aldeias.

Isto ocorria num período de três, a seis anos. Tal mudança tinha, também, suas exceções provocadas por outros fatores internos e externos, como por exemplo as diferenças de grupos/clãs ou intertribais que provocavam conflitos.

Porém, o fator que mais pesou para esta grande mobilidade dos Jamamadi no Kapana foi o histórico que aqui apresentaremos. Estes dados foram colhidos através de contatos com pessoas que presenciaram os fatos, índios mais velhos que sofreram e neste período e documentos oficiais e não oficiais.

Quando começou a exploração da castanha na região apenas os índios a quebravam. Os castanheiros ao penetrarem em seus territórios levaram doenças que dizimaram o povo Jamamadi. ~~Se~~ tem notícia de uma epidemia de tuberculose no Laranjal no início da década de quarenta. Ainda nesta década, em 1946 outra epidemia abateu os Jamamadi do Laranjal, esta porém, foi de sarampo e matou mais da metade da população indígena.

No início da década de 50 os Jamamadi ainda habitavam o Ig. São Francisco e ao longo do varadouro que ligava ao Purus. Nesta época também são atingidos por uma epidemia de sarampo, fazendo o grupo migrar para o Laranjal. No fim desta década surge um forte conflito interno no Laranjal entre os dois grupos/clãs, onde algumas pessoas morreram e outros fugiram p/S. José.

Por volta de 1957, os Zumahi Deni, que habitavam as cabeceiras do Kapana fugiram para o Purus no Seringal São José devido ao início do surto de tuberculose.

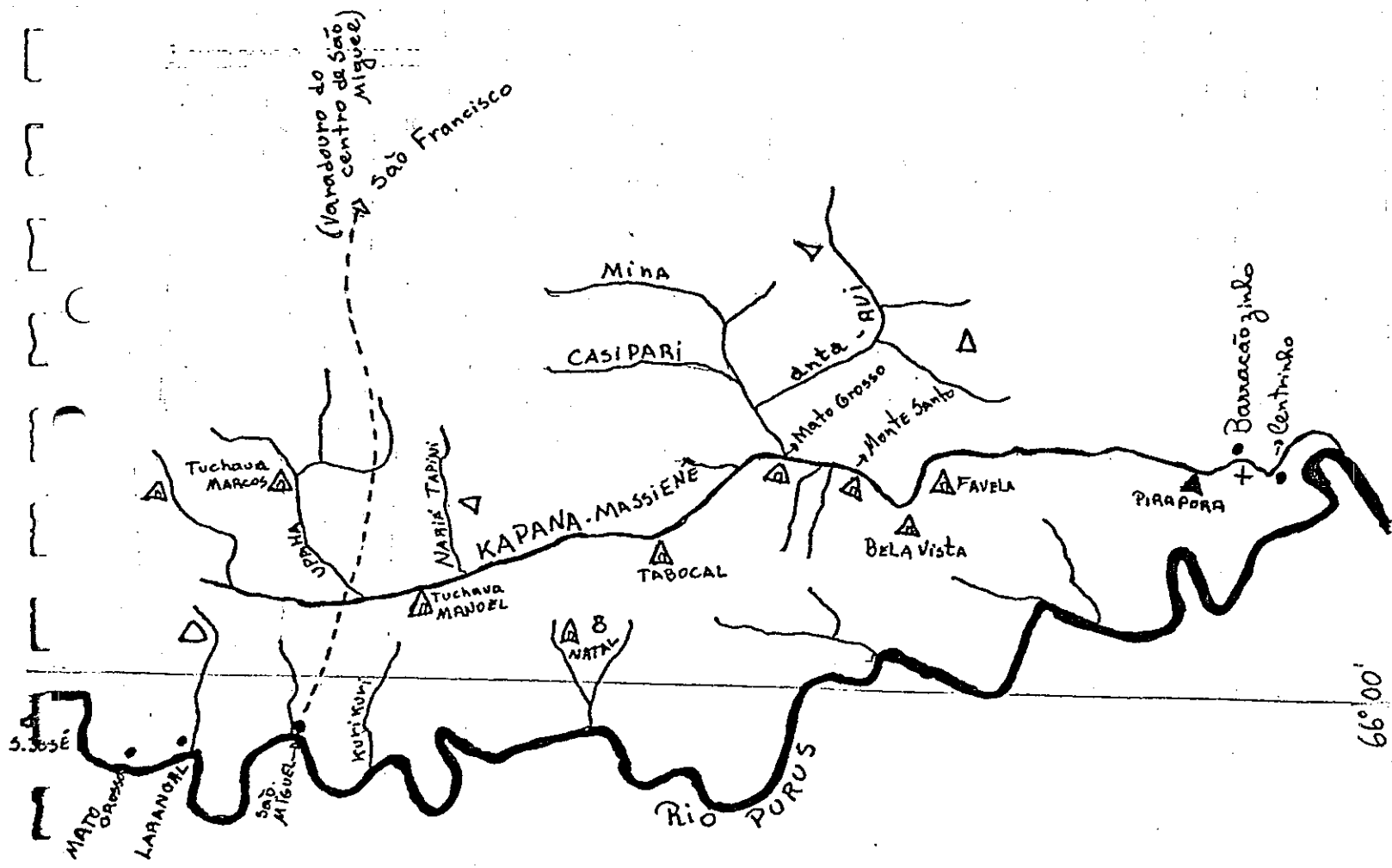
Em 1964, os Jamamadi do São Miguel são atingidos pela epidemia de sarampo e logo depois abandonam a área para irem localizar-se no baixo Kapana (Tabocal até Pirapora), também influenciados pelo branco Joaquim do Vale que veio morar na boca do Kapana e incentivou-os a abrir colocações de castanha. Ali per-

maneciam (nas colocações) durante o período da quebra da castanha, voltando para o interior da mata num outro período, onde inclusive realizam suas festas (depoimento de José do Vale, filho de Joaquim do Vale).

Apesar da mudança da aldeia alguns continuavam a fazer seus roçados bem mais para o centro.

Estas mortandades provocadas especialmente pela tuberculose, sarampo e gripe, levou um descrédito, pavor e ódio até, aos "dsupinehé" (Pajé, feiticeiro). A eles é atribuído todo esse extermínio do povo.

Entre 1970 e 72, atingidos por gripe, os poucos sobreviventes do povo Jamamadi dispersaram-se pelo Rio Purus e proximidade de Boca do Acre.



ASPECTOS SÓCIO - CULTURAIS:

1. Grupos Domésticos, Casamento e Parentesco.

A unidade social e econômica básica nas aldeias, é o grupo doméstico, o qual é constituído da família nuclear.

As aldeias anteriormente eram compostas por uma maloca coletiva -Kupixaua-, circular com uma saída, coberta de palha até o chão, na qual habitavam uma família extensa. Nestas malocas a população girava em torno de 50 a 70 pessoas.

Após o contato, com as várias mortes, por epidemias, os Jamamadi começam a habitar em casas sob palafitas, de paxiúba, com cobertura de palha Jaci e Ubim, semelhante a dos seringueiros. Mesmo assim continuam agrupados em grupos domésticos.

Os agrupamentos familiares são, na maioria das vezes, matrilocais. Um homem, normalmente, após o casamento, passa a residir junto ao grupo doméstico dos pais de sua esposa, passando a ter obrigações para o sogro.

Importante ressaltar que não foi possível analisar mais profundamente o sistema de parentesco dos Jamamadi, devido à sua complexidade. Nos estudos que fizemos as irregularidades do sistema passaram a ser tão significativas quanto as regularidades. No caso dos casamentos, eles ocorrem com primos cruzados, mas também acontece entre primos paralelos.

Salientamos também que com as epidemias, consequências do contato, ocorre casamento entre os grupos clausulando o sistema do parentesco, porém seria necessário um estudo mais profundo para detalharmos.

2. Liderança.

Com relação a organização sócio-política do povo Jamamadi, existem lideranças próprias com características diferentes.

No passado a liderança era expressa na pessoa do "Baikanã", que exercia sua influência de acordo com a descendência e o prestígio que tinha junto ao grupo. Em cada maloca existia um "Baikanã" responsável por aqueles indivíduos, porém havia um "Baikanã" grande que liderava todos. Estas lideranças não necessariamente eram homens, mais raramente, mulheres também podiam assumir esta função.

O Tuchaua, atualmente, neste grupo exerce a função do "Baikanã". Além deste, temos ainda o "Dsupineré" (pajé) que é o líder espiritual. Ele tem a habilidade de comunicar-se pessoalmente com os "Tukurimé" (espíritos) e tem funções de: explicar a morte; buscar ações para prevenir doenças; cuidar das pessoas doentes; liderar as cerimônias de casamento. O poder dos "Dsupinehé" é tão importante que são, na maioria das vezes, responsabilizados por provocarem doenças que atingem o grupo, além de serem temidos. Atualmente falar no "dsupinehé" é tabu.

Este medo hoje, é um dos motivos da resistência do grupo voltar para o Kapana, onde muitos foram mortos.

Para as relações externas do grupo, há um outro líder e tem por função manter contatos com a população envolvente, principalmente para as transações comerciais, nas relações de confronto com os não índios. Este, também goza de um respeito entre a população não índia, seja ribeirinha, marreteiro, patrões, etc. Porém, internamente este líder é apenas o porta voz do consenso grupal, não exercendo nenhuma forma de imposição ou privilégio no grupo.

3. Restrições alimentares.

Os tabus alimentares, via de regra, apenas as carnes de caça e da pesca.

Estas restrições atingem pessoas que se encontram em situações como a puberdade, ciclo menstrual, período de gestação, resguardo do pós-parto. Os caçadores são privados de comer fígado e coração de certos animais com o perigo de nunca mais achar caça.

Encontramos também restrições feitas aos homens, em qualquer idade, de alguns animais como capivara, tamanduá e quati. O grupo de maneira geral não come peixe de couro.

4. Festas, rituais e brincadeiras.

A festa mais comum do povo Jamamadi, o "Tataborá", é realizada no terreiro, onde homens, mulheres e crianças participam. Os participantes ficam dispostos em duas filas, segundo o sexo, uma de frente para outra, e dançam movimentos de vai e vêm, entoando cantos.

O "Tataborá" é realizado quando da visita de outros grupos, da caça de anta (Avi), da colheita do milho, do período de frutas silvestres (Sabonô), na época da melancia, etc. É um culto à abundância e uma ascensão na escala de prestígio intergrupar.

Nessas festas que duram até um mês, é servida uma bebida fermentada de macaxeira, batata, inhame ou milho, buriti, patóá, banana, açaí e muita carne moqueada.

Durante o período do "Tataborá" é comum o uso de pinturas dos rituais e corporais, principalmente nas mulheres e crianças.

Os vários momentos da vida Jamamadi eram celebrados através dos rituais da criação, do surgimento do povo,

das crianças (Kazu), a iniciação dos meninos, o início do ciclo menstrual, o casamento, a força dos homens (Idapi), a fertilidade e a morte. Eram momentos importantes que mereciam ser manifestados das mais diversas formas.

Em cada cerimonial havia um adorno, pintura, dança e canto característico. As pinturas eram feitas com urucu e genipapo. As diferentes vestimentas eram de palha de buriti, envira, couro e penas.

O uso da flauta e canto, à noite, principalmente nos períodos de doença e morte, são constantes no grupo, onde apenas adultos participam.

Os jogos e brincadeiras acontecem espontaneamente, sem exigir organização e tem um considerável valor dentro dessa sociedade, pois permite dissipar o clima de tensão entre famílias, comemorar e entrosar visitantes e inclusive favorecer o namoro entre os pretendidos.

Nessas brincadeiras participam todos, adultos e crianças. Consiste em jogos de força, onde se opõem homens e mulheres, disputa de objetos, corridas e outras.

Os Jamamadi lembram muito e falam com saudades deste tempo. O êxodo de seu território tradicional determinou mudanças com relação às suas expressões culturais, rituais, festas, etc. Com a morte do Vicente, um dos mais velhos e reconhecido como aquele que detinha o conhecimento e fazia as festas; estas deixaram de acontecer. Hoje nestes períodos, há a preparação de muita comida e caçuma, porém Tataborá não acontece.

Apenas dois rituais parecem permanecer, o dos homens e da iniciação do rapaz, sendo que estas não são presenciadas pelas mulheres.

Todavia os grupos/clãs, mesmo dispersos, são fechados quanto aos aspectos mais fortes de sua cultura. Não abriram mão de sua língua materna e à grande parte deles que só

falam na língua e outros tantos que falam muito pouco o português.

5. Artesanato.

O êxodo de seu território tradicional e a convivência junto aos cariú contribuiu para uma substituição dos utensílios por eles fabricados, cedendo lugar aos dos cariú.

O artesanato de palha, talas e cipós, são fabricados com o objetivo de comercializar, para suprir as necessidades adquiridas da sociedade branca.

REDE DE RELAÇÕES:

De uma maneira geral, os Jamamadi desta região têm um contato mais intenso com a população envolvente, o que não significa uma relação boa. Há muito este grupo vem sofrendo a discriminação por parte da população envolvente, apesar de ser menor que a sofrida pelos Apurinã da região. Isto porque é um grupo mais pacífico, fechado em si mesmo e muito raramente abre-se para os "brancos".

Esta passividade não significa que os conflitos deixem de ocorrer, ao contrário. Vários foram os momentos em que receberam pressões de fazendeiros, grileiros, comerciantes e até mesmo de colonos, mas resistiram apesar de nem sempre ganharem. O porquê é bastante óbvio, situação esta sofrida pela grande maioria da população indígena do Brasil.

Os índios procuram muito a cidade para a troca comercial e tratamento de saúde. Aqueles que moram mais distantes da cidade fazem a comercialização com os marreteiros e os conflitos se dão devido à exploração.

Apesar das relações estarem marcadas pelo pre-
conceito, existe um certo medo da população em decorrência do
feitiço.

A relação com os grupos Apurinã da região,
também não é tranquila. Os Jamamadi sempre guardam receio do po-
vo Apurinã. A tradição guerreira dos Apurinã em muito subjugaram
os Jamamadi. Ainda hoje não houve muita alteração desta relação.

Há uma resistência bastante grande com rela-
ção à FUNAI, que jamais prestou qualquer forma de assistência a
eles. Contam os casos de doentes que tiveram de recorrer ao Pos-
to da FUNAI na Terra Firme (Cunicuã), mas o atendente teria dito
que só atendia se fosse doente Apurinã. Um adulto, posteriormen-
te veio a falecer.

Se por um lado há o descrédito da FUNAI, por
outro a mesma não faz nada para reverter esta imagem, deixando -
os jogados à própria sorte.

Há alguns anos o CIMI tem mantido contato com
este grupo através de visitas esporádicas na área, colaborando
no tratamento ou encaminhamento dos casos de saúde dos Jamamadi,
principalmente do Kirema.

ASPECTOS SOCIO - ECONÔMICOS:

Agricultores, lavradores por tradição, estes
Jamamadi hoje sobrevivem cortando seringa, quebrando castanha,
prestando serviço como peão ou vendendo artesanato.

No caso dos grupos do Kapana, Maracajú, Lur -
des e Remanso, existe uma forte dependência do sistema de avia -
mento dos seringais com exploração seja através de marreteiros,
ou do "barracão". Esses índios, adultos, quando não estão cortan-
do seringa e quebrando castanhas trabalham para os patrões, ba -
tendo campo, envenenando o mato, conforme disseram, recebendo

para isso, em torno de 50 a 70 cruzados por dia, ou ainda em troca de produtos como querosene, açúcar, sabão, sal, café, etc.

O grupo do Kirema vem sobrevivendo à duras penas. Grande parte de sua capacidade de trabalho é canalizada para a produção de seringa e castanha, muito incipiente, porém, com pensada com trabalhos nas fazendas vizinhas onde recebem mingua-das diárias. Em pequenos lotes esses Jamamadi tem um intrincado ⁱⁿ percurso que dá acesso à cidade, não só as dificuldades próprias de um varadouro como as péssimas condições de tráfego da estrada vicinal, sobretudo durante o inverno, notando-se que todo o transporte de produtos é feito sobre costas humanas. Nos ombros eles carregam as pranchas de borracha, os sacos de castanha, farinha ou outros produtos, como também os seus doentes.

As famílias do Goiaba também cortam seringa e trabalham para o proprietário da fazenda vizinha na limpeza do campo, roçada, etc., e na venda de outros pequenos produtos agrícolas. Pretendem dar início a criação de gado, e para isto já tem três cabeças de gado.

A caça e a pesca continuam sendo a base alimentar, com um agravante, pois atualmente está cada vez mais escasso. Os animais e peixes nas proximidades, tendo que dispender às vezes, um dia de caminhada.

As mulheres, antes responsáveis pelo artesanato, conservação dos roçados e outros afazeres de casa, hoje desenvolvem também a atividade de pesca para contribuir na sobrevivência da família.

Mesmo que o espaço ^{seja} pequeno, a agricultura de subsistência é feita pelo homem com a participação da mulher e dos filhos maiores. Junto com a caça e a pesca a macaxeira ainda é a base alimentar do grupo, junto com o milho, batata-doce. Como parte da economia de subsistência são cultivadas várias espécies de fruteiras como ingá, banana, cajú, mamão, abacaxi, pupu

nha.

Na área tradicional do grupo há uma grande exploração da castanha, porém é feita, na sua grande maioria, pelos brancos.

Os Jamamadi do Lurdes, Kirema, Goiaba e Maracajú mais raramente retiram da área a castanha, cortam seringa ou fazem caçadas e pescarias. Explicam eles que para tal necessitariam, de no mínimo transporte e outros pequenos instrumentos que não tem, por isto só vão quando aparece uma oportunidade.

ASPECTOS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO

Mesmo com o desprezo pelo Dsupinehé, os Jamamadi utilizam em menor escala, método de cura tradicionais, como massagens, clãs e banhos com ervas, que coexistem com o uso de remédios dos "brancos". Apesar disto continuam vítimas das doenças transmitidas pelos brancos, como gripe, sarampo e outras doenças infecto-contagiosas.

Segundo depoimentos e relatos anteriormente descritos neste relatório sabe-se o grande número de mortes provocadas por epidemias. A verminose e malária também afetam o grupo. No Lurdes ocorreram 6 mortes no ano de 1985/86, sendo 3 crianças, 2 velhos e 1 adulto.

Durante o trabalho da equipe, foi encaminhado à Rio Branco-Ac, uma Jamamadi do Kirema com TBna, suspeitamos de mais dois casos neste local. Constatamos também que a maior parte das crianças dos grupos do Rio Purus estavam com catarro e gripe. Nos casos mais graves eles recorrem ao hospital de Bcca do Acre. São afetados, igualmente pela verminose e a malária.

Os problemas dentários destes Jamamadi são enormes como afirma Nascimento (J. do Goiaba): "primeiro, quando moramos no Purus (quer dizer, na maloca) meus dentes era = essa"

chapa assim (dentadura portiça), depois que veio morar aqui estragou tudo. Mandei arrancar tudinho, menino aqui (filho dele) já tem os dentes ruins, não é como lá não..."

Quanto à educação existe apenas a transmissão dos ensinamentos culturais que é repassada pelos mais velhos aos novos. Não há junto ao grupo uma educação sistemática em escola.

SITUAÇÃO ATUAL:

Através do exposto percebe-se que o grupo atualmente está espalhado no Kapana, Lourdes, Maracajú, Kirema, Goiba e Remanso.

Parte do grupo com a saída do Kapana foram morar na margem direita da BR 317, no km.8. Depois de alguns anos o grileiro Adão Nunes Barbosa, se dizendo proprietário daquele lugar ameaçou-os por várias vezes. Em 1983, suas casas são queimadas e eles são obrigados a saírem dali, indo morar na Terra Alta, as margens do Ig. Kirema.

No momento, pós incêndio foram encontrados vestígios tais como "estopa e pneu" que seriam os causadores do fogo, colocados por alguém. Apesar da denúncia na Delegacia de Polícia, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, de terem recorrido ao chefe de Posto da Funai da AI Camicuã, nada foi provocado e esse grupo jamais foi indenizado. Nos atuais lotes em que se encontram parecem novamente bem próximos de Adão Nunes Barbosa que "grilou" uma grande extensão de terras, exatamente nesse local.

A situação dos outros foi descrita anteriormente neste relatório.

A forte desconfiança entre eles devido às mortes e medo pelo Dsupinehé, são fatores que têm impedido o retorno

do grupo ao território tradicional. Mesmo assim moram três famílias que estão na ponta da área, local este onde não ocorreram tantas mortes.

Após algumas reuniões e contatos com o grupo a manifestação geral era o medo da volta ao Kapaná. Porém, um dos Tuchauas disse que retornaria se o Zé do Kirena concordasse e fosse com eles (o Zé é da família do Dsupinéhé). Outros jovens casais acharam boa idéia da volta, uma vez que teriam abundância de caça, pesca e coleta. Acham apenas difícil, uma vez que não tem nem ao menos uma canoa. A resistência maior se dá por parte dos mais velhos que presenciaram as mortes e pressões dos brancos que exploravam a área. De todos apenas no Goiaba houve manifestação clara, sem dúvidas que não gostariam de retornar a área.

IDENTIFICAÇÃO E PROPOSTA DA ÁREA:

Como foi demonstrado ao longo do relatório, o grupo de Jamamadi está disperso, sem possibilidade de sobrevivência. Sentem-se deslocados e inseguros fora de seu território e acham importante garantir a sua terra tradicional.

Para tal a proposta de área estudada por este grupo de trabalho considerou a necessidade de resguardar os locais de caça, coleta e pesca, os sítios culturais constituídos pelos cemitérios, locais antigos de habitação e atual moradia do grupo local. Foram igualmente considerados os deslocamentos característicos de moradia desse grupo movido por fatores culturais e externos.

A extensão da área também obedeceu às reservas de caça, coleta e pesca, utilizadas em determinados períodos pelos grupos/clãs que a exploram.

Seguem em anexo a identificação na planta e respectivo memorial descritivo.

Neste território imemorial dos Jamamadi encontra mos apenas exploradores, na sua maioria de castanha e alguns poucos de seringal. Não há posseiros na área, uma vez que a população branca reconhece este território como indígena (segundo informação dos mesmos).

O Seringal São Miguel tem um título de 3.500 ha. na qual uma pequena parte está dentro da área. Esta por sinal é a mais importante para o grupo, ou seja, a cabeceira do Ig. Kapana. Salientamos também, que existe uma pretensão deste proprietário de mais de 200 mil ha. Área esta que nem mesmo o Incra conseguiu des - criminar (segundo informação colhida no levantamento fundiário no Incra de Boca do Acre).

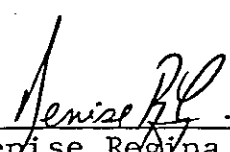
Esta área proposta, explicitada historicamente através da memória dos índios, seringueiros e confirmadas pelas referências bibliográficas é de posse imemorial, conforme o art.23 da lei 6.001.

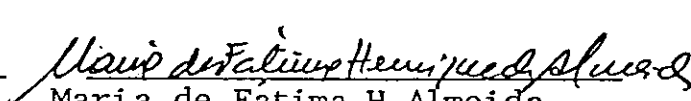
Segundo o exposto neste relatório, entendemos que os Jamadi são inegavelmente, os legítimos donos dessa área por eles ainda hoje habitada. Além de ser necessário e indispensável à sobrevivência do grupo, assim como para sua reprodução sócio-cultural que resistiu, apesar das explorações e mortes que sofreram e vem sofrendo.

Tanto porque houve manifestação de parte do grupo que está fora da área em retornar se houvesse um apoio e acompanhamento, principalmente no que diz respeito a saúde.

Compreendemos não haver necessidade mais urgente que um trabalho para a volta daqueles Jamamadi que estão fora da área e a imediata demarcação deste território indígena.

Rio Branco-Ac, 27 de maio de 1987.

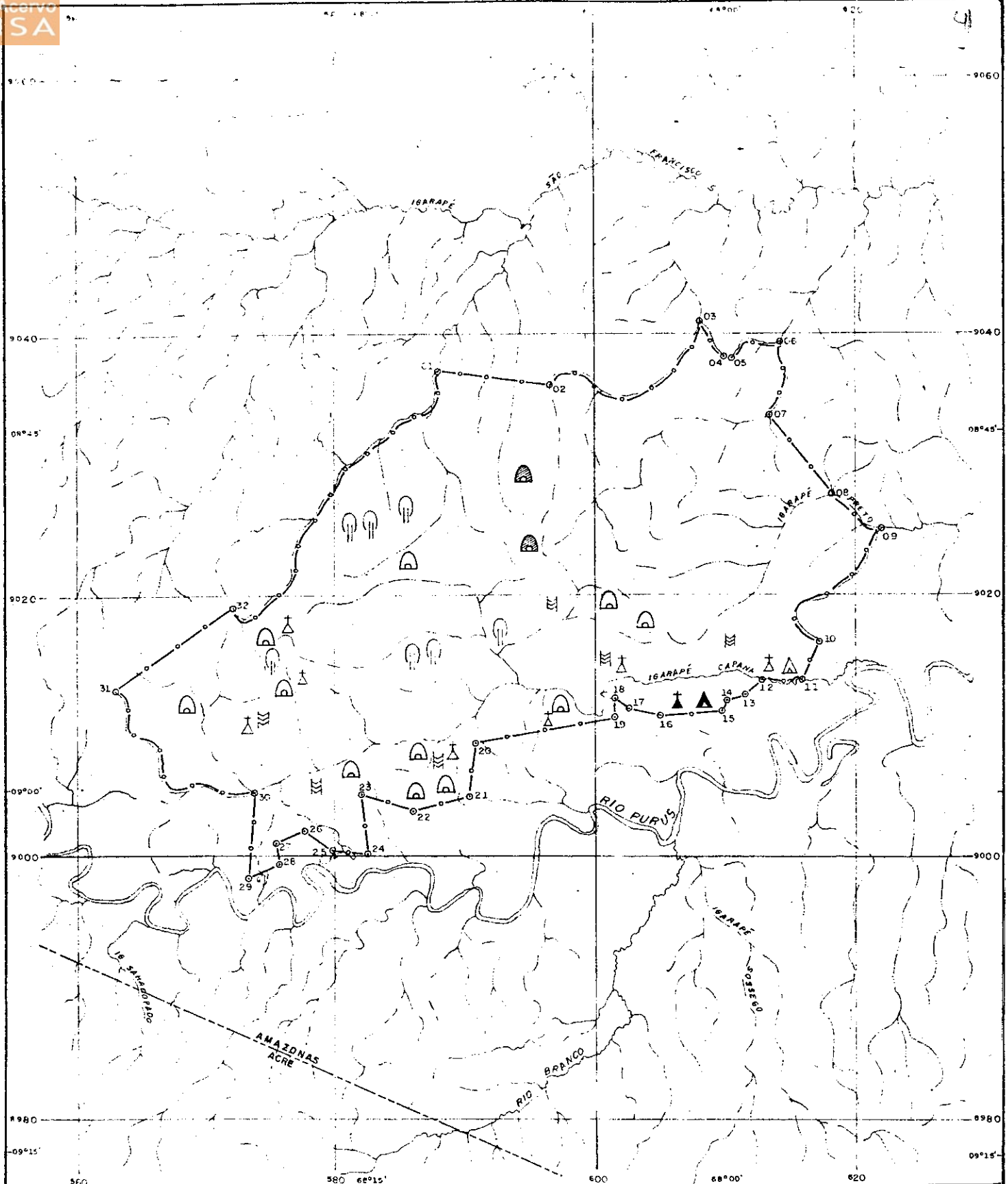

Denise Regina Garrafiel
Socióloga /OPAN


Maria de Fatima H. Almeida
Téc. Indigenista/FUNAI-ADR-RBR

BIBLIOGRAFIA:


1. CASTELNAU, Francis de - 1851 : Expedition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud (1843/1847). Tomo 5. Paris.
2. CIMI-AM. OCIDENTAL - 1984/1985/1986 : Relatórios do Povo Jamama - Deni do Sul do Amazonas - contendo também transcrições das entrevistas.
- Levantamento da situação do Povo Jamamadi/Deni do sul do Amazonas. Egon Heck, Marina Vasconcelos e Eunice da Silva.
3. CHANDLESS, William^{WV} - 1866 : Notas sobre o Rio Purus, lidas perante a Real Sociedade de ^{Londres} Londres em 1868. Associação Comercial do Amazonas : vol. 9 e 10.
4. COUTINHO, João Martins da Silva - 1862 : Relatório da Exploração do Rio Purus - In : Relatório da Repartição dos Negócios d'Agricultura Comércio e Obras Públicas (1864), apresentado à Assembléia Geral Legislativa na 3ª sessão da 12ª legislatura, em 15/5/1865.
5. EHRENREICH, Paul - 1888 : Viagem nos rios Amazonas e Purus. Tradução Alexandre Hummel. Rev. do M.P. Tomo XVI; São Paulo, Diário Oficial, 1929.
6. EHRENREICH, Paul - 1891 : Contribuições para a Etnologia do Brasil. Tradução Egon Schaden. Revista do Museu Paulista, N.6, II: São Paulo, 1948.
7. KOOP, Gordon e Linger Felter, Sherwood G - 1983 : Os Deni do Brasil Ocidental. Museu Internacional da Cultura, Dallas, Texas.
8. KROEMER, Gunter - 1985 : Cuxiuara - O Purus dos Indígenas. Edições Loyola, São Paulo.

09. LEMOS, Bento Martins Pereira de - 1912 : Relatório da Inspetoria do Amazonas e Acre - Arquivos do SPI, Museu do Índio , R.S..
10. MELATTI, Julio César - 1938 : Índios do Brasil - Coordenada Editora de Brasília Ltda. 1970.
11. NETO, Miranda - 1979 : O Dilema da Amazonia. Editora Vozes Ltda Rio de Janeiro.
12. RIPEIRO, Darcy - 1977 : Os Índios e a Civilização. Editora Vozes Ltda. Petrópolis.
13. RIVET, Paul e TASTEVIN, Constantin - 1921 : Les tribus indiennes des Bassin du Purus, du Juruá et Reg. Limitrophes. La Géographie, vol.35.
14. SPI/ 1943 : Relatórios da Inspetoria do Amazonas e Acre. Arquivos do SPI, Museu do Índio /RJ.
15. SPI/1964 : Relatório Geral das Aldeias do Sul do Estado do Amazonas. Arquivos do SPI., Museu do Índio/RJ.
16. STEERE, Joseph Beal - 1901 : Tribos do Purus. Sociologia, Revista Didática e Científica.



SINAIS CONVENCIONAIS

- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
- ▲ ▲ ALDEIA INDÍGENA PROVÁVEL E MALOCA ATUAL
- △ △ ALDEIA INDÍGENA E MALOCA ABANDONADAS
- PUNTO DEFINIDOR DE LIMITES
- ▲ ▲ CEMITÉRIO ATUAL E ABANDONADO
- ☪ POÇA
- ☪ ☪ SERRAL E CASTANHAL



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 SUPERINTENDÊNCIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - SUAF

DENOMINAÇÃO			PLANTA DE	
ÁREA INDÍGENA IGARAPÉ CAPANA			DELIMITAÇÃO	
MUNICÍPIO			ÁREA	PERÍMETRO
BOCA DO ACRE			225 000 ha	
UF	SUA	ADM	ESCALA	DATA
AM	5º	RIO BRANCO	1:250.000	30/11/87
TÉCNICO RESPONSÁVEL PELA DEFINIÇÃO DOS LIMITES			PROCESSO Nº	BASE CARTOGRAFICA
			FUNAI/BSB/2.200/87	MIR:240 e 240
TÉCNICO RESPONSÁVEL PELA IDENTIFICAÇÃO DOS LIMITES		TIPO	POSTERIOR Nº	
ISMAEL VIRIATO ENGº AGRº - CREA 1927/87		CHEFE DA SUAF		

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
 ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE RIO BRANCO
 TRAVESSA DA GRANJA, 30 - RIO BRANCO ACRE

PROC. 2168

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

Data 22/6/87

C.I. nº 316/ADR-RBR/5a. SUER/FUNAI/87

Rio Branco, 01.06.87

DO: Administrador da ADR-RBR/5a. SUER

AO: Ilmo. Sr. Dr. Daniel Marques de Souza
 MD. Superintendente de Assuntos Fundiários da FUNAI

ASSUNTO: Relatório de Identificação da Area Indigena Jamamadi do Igarapé Kapana
 (encaminha)

Cumprindo o determinado na Portaria PP nº 1349/86, estamos em anexo, encaminhando à V.Sa., 02 (duas) cópias do RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO DA AREA INDIGENA JAMAMADI DO IGARAPÉ KAPANA, de 27 de maio de 1987 e assinado por Denise Regina Garrafiel/OPNAN e Maria de Fátima Henrique de Almeida/FUNAI.

Uma das cópias, em nosso entender, deve ficar com esta SUAF para as análises de praxe. A outra, deverá ser encaminhada ao GT-PMACI, para seu conhecimento.

Informamos ainda que, remeteremos uma cópia para a DFU/5a. SUER, para conhecimento.

Atenciosamente,

Antonio Pereira Neto

ANTONIO PEREIRA NETO
 Administrador Regional
 FUNAI/ADR RIO BRANCO

À DIE e DID, para conhecimento e providências pertinentes ao assunto, solicitando minutar carta encaminhando cópia ao Grupo Trabalho PMACI.

Em, 19 /junho/1987

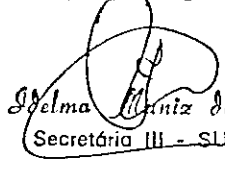
Walter Ferreira Mendes
 Superintendente Substituto
 Superintendência de Assuntos Fundiários - SUAF/FUNAI

11684

De ordem.

Nesta data, encaminhamos em cópia ao Técnico RAIMUNDO JOSÉ DE SOUSA LOPES, para as providências necessárias junto ao PMACI;

Em, 12 /junho/1987


Helma Luiz de Alorenga
Secretária III - SUAF/FUNAI

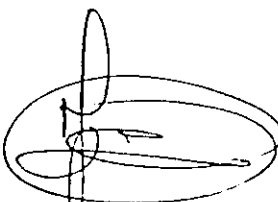
Ao Serviço de Apoio da SUAF.

Solicitamos encaminhar ao Serviço de Protocolo visando autuar a presente documentação com as seguintes características:

INTERESSADO: GRUPO INDÍGENA JAMAMADI

ASSUNTO: IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA IGARAPE CAPANA; LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE BOCA DO ACRE/AM, sob a jurisdição da ADR Rio Branco - 5ª SUER.

Em 22.06.87.



José Galma Monte
Chefe DIF/SUAF/FUNAI

Para:

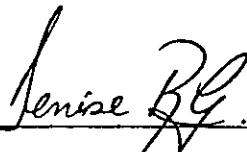
Chefe do DPI

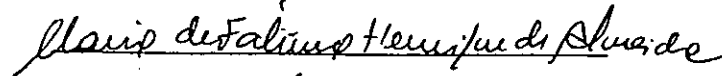
Ref.: Relatório de Identificação da A.I. Kapana

Prezado Senhor,

encaminhamos a V. Sa. Relatório de Identificação da Área Indígena Jamamadi do Ig. Kapana, juntamente com o levantamento fundiário, conforme Portaria nº 1349/86.

Rio Branco-Ac, 27 de maio de 1987.


Denise Regina Garrafiel
Socióloga / OPAN


Maria de Fátima H. Almeida
Téc. Indigenista / FUNAI